

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
GRADUAÇÃO EM DANÇA - LICENCIATURA

KAREN MACHADO TRINDADE

**ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE PÚBLICA DE
BELO HORIZONTE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

BELO HORIZONTE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

“ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE PÚBLICA DE BELO HORIZONTE EM TEMPOS DE PANDEMIA”

KAREN MACHADO TRINDADE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 14/07/2022 pela banca constituída pelos membros:

Orientadora: Prof^a. Ana Cristina Carvalho Pereira

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Córdova Christófaro

Examinador: Prof. Dr. Paulo Pereira Baeta

Belo Horizonte, 14 de julho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 28/07/2022, às 17:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Coordenador(a) de curso**, em 29/07/2022, às 13:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Jose Baeta Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 29/07/2022, às 14:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?



[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **1639742** e o código CRC **B38BB226**.

Referência: Processo nº 23072.245145/2022-11

SEI nº 1639742

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
GRADUAÇÃO EM DANÇA - LICENCIATURA

KAREN MACHADO TRINDADE

**ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE PÚBLICA DE
BELO HORIZONTE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Carvalho Pereira

BELO HORIZONTE

2022

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NOTIFICAÇÕES DE COVID EM BELO HORIZONTE	16
FIGURA 2 - INDICADORES DE IMUNIZAÇÃO	17

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Respostas da primeira questão da entrevista.....	28
QUADRO 2: Respostas da segunda questão da entrevista.....	30
QUADRO 3: Respostas da terceira questão da entrevista.....	31
QUADRO 4: Respostas da quarta questão da entrevista.....	32
QUADRO 5: Respostas da quinta questão da entrevista.....	34
QUADRO 6: Respostas da sexta questão da entrevista.....	36
QUADRO 7: Respostas da sétima questão da entrevista.....	37
QUADRO 8: Respostas da oitava questão da entrevista.....	38

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

COVID 19 - CoronaVirus Disease

CoV - Coronavírus

CBC - Currículo Básico Comum

ERE - Ensino Remoto Emergencial

ESF - Estratégia de Saúde da Família

GSA - Gestão de Educação

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial de Saúde (OMS)

PET - Programa Remedial Learning

REANP - Regime Especial de Atividades Não Presenciais

SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave

SEE-MG - Secretaria de Estado de Educação - Minas Gerais

TIC -Tecnologia da informação e comunicação

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: COVID - 19 - INÍCIO DA PANDEMIA EM 2019	11
1.1 Coronavírus em Belo Horizonte	13
CAPÍTULO 2: ENSINO DE DANÇA EM BELO HORIZONTE NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO APÓS O SURGIMENTO DA COVID-19	19
CAPÍTULO 3: MAPEAMENTO	26
3.1 Metodologia.....	26
3.2Análise dos Casos.....	27
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	43

RESUMO

O contexto de isolamento gerado pela pandemia de covid-19 trouxe muitas dificuldades para a prática docente no ensino da dança. Nesse contexto surge a questão da pesquisa: Quais foram as experiências vividas pelos professores de dança no ensino remoto no contexto da pandemia? Na tentativa de responder esta questão optamos por uma pesquisa que se orienta pela abordagem qualitativa. Realizamos um estudo exploratório a partir da entrevista com professores de dança do ensino fundamental anos finais, ensino médio e ensino técnico da rede pública de ensino de Belo Horizonte. O objetivo da pesquisa foi conhecer a prática docente do professor de dança nos anos finais do fundamental e ensino médio em Belo Horizonte no contexto da pandemia do Covid 19 – 2020/2022. Os resultados apontam para problemas enfrentados pelos professores como: a dificuldade de acesso à Internet, a fragmentação na relação professor-aluno, a falta de materiais pedagógicos e carência na capacitação de professores, entre outros.

Palavras-chave: Ensino de Dança; Ensino remoto; Experiência dos professores; COVID-19.

ABSTRACT

The context of isolation generated by the covid-19 pandemic brought many difficulties for teaching practice in dance teaching. In this context, the research question arises: What were the experiences lived by dance teachers in remote education in the context of the pandemic? In an attempt to answer this question, we opted for a research that is guided by the qualitative approach. We conducted an exploratory study from the interview with dance teachers of elementary school final years, high school and technical education of the public school system of Belo Horizonte. The aim of the research was to know the teaching practice of the dance teacher in the final years of elementary and high school in Belo Horizonte in the context of the pandemic of Covid 19 - 2020/2022. The results point to problems faced by teachers such as: the difficulty of access to the Internet, the fragmentation in the teacher-student relationship, the lack of pedagogical materials and lack in the training of teachers, among others.

Keywords: Dance Teaching; Remote teaching; Teachers' experience; COVID-19.

INTRODUÇÃO

A motivação para opção desta temática está relacionada com as emergentes mudanças no ensino devido à ocorrência da pandemia da COVID-19, causada pelo vírus Sars-Cov-2, que exigiu da população mundial novos comportamentos sanitários para que se evitasse a alta propagação do vírus, que possui alta taxa de transmissão. Entre as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) está o isolamento social que, no Brasil, teve início em março de 2020. Impossibilitados de lecionarem presencialmente, os professores tiveram que refazer seus planos de aula e se adaptar abruptamente ao uso das tecnologias. Essa atual reflexão analítica parte da experiência de quarentena iniciada por uma decisão governamental nacional em diferentes países da América Latina em março de 2020, e desde então, atravessada por várias fases.

O fato de vivenciar esta nova realidade nas diferentes vertentes: como estudante na Universidade Federal de Minas Gerais, como professora no ensino livre e como estagiária no ensino básico, me fez refletir e motivar, para a pesquisa de que forma podemos nos adaptar a uma nova maneira de ter e fazer a docência. Assim se fez necessário que o professor de dança se reinventasse na maneira de organizar suas aulas, uma das possibilidades foi a opção pelas aulas remotas para continuar com o processo de ensino e aprendizagem sem quebrar as regras de distanciamento social.

Várias são as discussões sobre a função da escolarização, os desafios que enfrentam os sistemas de ensino, a problemática cotidiana da educação escolar. A escola está na ordem do dia: universalização da escolarização, qualidade da educação, projetos político-pedagógicos, dinâmica interna das escolas, concepções curriculares, relações com a comunidade, função social da escola, gestão educacional, sistemas de medição no plano internacional e nacional, formação e condições de trabalho de professores/as, manifestações de violência e bullying na escola, entre outras (CANDAU; KOFF, 2015, p.331).

O mundo teve que se reinventar no conceito de vida, após o surgimento da pandemia da COVID-19, causada pelo vírus Sars-Cov-2, que exigiu da população mundial novas condutas sanitárias para que se impedisse o alastramento do vírus, que possui alta taxa de transmissão. Entre as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) está o isolamento social que, no Brasil, teve início em março de 2020. Com a impossibilidade do ensino de forma

presencial, os docentes tiveram que restaurar-se seus planos de aula e se adaptar subitamente ao uso das tecnologias. Entende-se “ensino remoto” aquele que, diferentemente do conhecido e qualificado modelo de ensino à distância, é efetivado apenas em situações emergenciais que impossibilitam legalmente as aulas de acontecerem presencialmente.

No Peru o caso não foi diferente. A pandemia forçou o fechamento de todos os teatros e espaços culturais, antes mesmo da declaração do estado de emergência. Temporadas teatrais, vários shows programados e até mesmo espetáculos pré-vendidos tiveram que ser cancelados para o ano inteiro. Milhares de artistas ficaram desempregados de repente. Além disso, o COVID-19 chegou ao Peru durante o Festival de Artes Escénicas de Lima, o maior festival de teatro do país, que teve que cancelar todas as suas atividades quase uma semana antes do seu encerramento (ELÉSPURU, 2020, s/p.).

Contudo, ao tratar do ensino remoto é importante ressaltar não só a intensa necessidade de atualização do sistema educacional, mas a impossibilidade de dezessete por cento dos estudantes brasileiros se conectarem, devido à altíssima desigualdade no acesso da população brasileira à internet. Destaca-se então que cerca de seis milhões de estudantes brasileiros, da pré-escola à graduação, não têm acesso à rede de internet, sendo 5,8 milhões destes estudantes de redes públicas. É o que diz a tabela retirada do artigo Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia publicado em agosto de 2020 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

O contexto de isolamento gerado pela pandemia de covid-19 trouxe mais dificuldades neste ensino, como por exemplo: a dificuldade de acesso à Internet, a fragmentação na relação professor-aluno, a falta de materiais pedagógicos e carência na capacitação de professores. Depoimentos de docentes e estagiários apontam também outras dificuldades, como dificuldade de ensinar arte de forma remota. Nesse contexto apresento como questão de pesquisa: Quais foram as experiências vividas pelos professores de dança no ensino remoto no contexto da pandemia?

Na tentativa de responder esta questão optamos por uma pesquisa que se orienta metodologicamente pela abordagem qualitativa que caracteriza-se por abordar questões

relacionadas às singularidades que são próprias dos indivíduos pesquisados. Também desenvolvemos um estudo exploratório para a familiarização com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa.

Nesta perspectiva temos como objetivo geral conhecer a prática docente do professor de dança nos anos finais do fundamental e ensino médio em Belo Horizonte no contexto da pandemia do Covid 19 – 2020/2022.

Também propomos como objetivos específicos: Mapear as estratégias desenvolvidas e utilizadas por professores do ensino fundamental e médio, incluindo as adaptações da prática docente em arte no contexto da pandemia do COVID-19 no ensino de dança; Descrever as condições de práticas das disciplinas de dança na educação básica no contexto do ensino remoto durante o período da pandemia; Identificar as principais mudanças na docência, devido ao surgimento da pandemia do COVID-19; Identificar o modo como foram utilizadas as tecnologias digitais; Verificar as dificuldades encontradas pelos professores e alunos; Analisar possíveis pontos positivos no uso da tecnologia.

A pesquisa será apresentada em 4 capítulos, sendo o primeiro apresentado a doença que surgiu no final do ano de 2019, com o alto potencial de contágio, onde sua incidência generalizada foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia, chamada cientificamente de SARS-CoV-2 ou popularmente como COVID-19. Podemos observar que no segundo capítulo que diante da situação do COVID-19, gestores educacionais, supervisores escolares e professores começaram a desenvolver estratégias para minimizar as consequências da suspensão do ensino presencial e promover a continuidade através do ensino remoto. O terceiro capítulo foi analisar as respostas obtidas através de entrevistas com professores de dança atuantes no ensino remoto durante a pandemia. No quarto e último capítulo apresentamos as considerações finais.

CAPÍTULO 1: COVID - 19 - INÍCIO DA PANDEMIA EM 2019

O coronavírus (COVID-19) foi inicialmente identificado na China, na província de Hubei, emergindo do mercado de Wuhan, em dezembro de 2019. Os primeiros doentes tinham em comum o contato prévio com o mercado, conhecido por vender alimentos da cultura local, como animais considerados exóticos para os ocidentais. Com o alto potencial de contágio, sua incidência generalizada foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. A COVID - 19 é chamada cientificamente de SARS-CoV-2, sendo:

- SARS é uma abreviação de uma síndrome chamada de Severe Acute Respiratory Syndrome, que é traduzida como **Síndrome Respiratória Aguda Grave**. Essa é a forma grave de muitas doenças respiratórias e o principal sintoma é a dificuldade de respirar;
- CoV é uma abreviação de **coronavírus**, a família de vírus que ele pertence.

Há um consenso entre os pesquisadores que a transmissão da COVID-19 é feita por gotículas e aerossóis respiratórios transmitidos entre as próprias pessoas, através do contato próximo com uma pessoa contaminada ou uma superfície contaminada. Esses foram uns dos principais medos e inseguranças na população: a contagiosidade da doença é extremamente alta. Por esta razão, técnicas de higiene das mãos e etiquetas respiratórias, ou seja, cuidados ao tossir e/ou espirrar, ajudam a prevenir sua disseminação (KAKODKAR P, et al., 2020).

A doença afeta as pessoas de diferentes maneiras. A maioria das pessoas infectadas apresentam sintomas leves a moderados da doença e não precisam ser hospitalizadas. Seus sintomas mais comuns são: Febre, Tosse, Cansaço, Perda de Paladar ou Olfato. Sintomas menos comuns: Dores de garganta, Dor de cabeça, dores e desconfortos, Diarreia, Irritação na pele ou descoloração dos dedos dos pés ou das mãos, Olhos vermelhos ou irritados. Sintomas

graves: Dificuldade para respirar ou falta de ar, Perda da fala, mobilidade ou confusão, Dores no peito.

Em razão dos diversos dos fatores relacionados à transmissão do vírus, o período de incubação, seu alcance geográfico, o número de infectados e a taxa de mortalidade real levam à insegurança e o medo à população. Até o dia 20/03/2022 foram confirmados no Brasil, 29.630.484 casos, sendo deles 657.205 óbitos confirmados. (Fonte: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 20/03/2022).

Dessa maneira, os especialistas informam que, para evitar a propagação do COVID-19, os governos são obrigados a tomar medidas extraordinárias, como distanciamento social, etiqueta respiratória e de higiene das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção do ambiente, isolamento em quarentena de casos suspeitos e confirmados, conforme prescrição médica. O distanciamento social é visto como a medida preventiva mais eficaz. Com o rápido aumento de casos, as primeiras portarias de distanciamento social foram decretadas pelo governo.

No Brasil, exatamente no dia 26 de fevereiro de 2020 foi anunciado o primeiro paciente diagnosticado com a Covid-19 no país. Vindo da Itália, um homem de 61 anos, foi internado em São Paulo com os sintomas característicos. Já no dia 5 de março, São Paulo tinha dez dos treze casos de Covid-19 no Brasil, quando foi notificado o primeiro no Rio de Janeiro. Já era aguardado que Rio de Janeiro e São Paulo, apresentassem os primeiros casos no Brasil, pois possuem as cidades mais ricas do país, mais populosas e concentram maior número de voos internacionais. A primeira morte por Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 12 de março, no Hospital Municipal Dr. Carmino Caricchio, na cidade de São Paulo.

Diante desses fatos e da inércia do governo federal, no dia 13 de março, foi decretado o fechamento de escolas, teatros e cinemas, além de atividades que proporcionassem aglomerações como a visita aos presos e a realização de eventos esportivos, eventos científicos, comícios e passeatas por 15 dias. Foi criado um gabinete de crise para monitorar os desdobramentos da propagação do vírus 24 horas por dia. Seguindo as mortes e decorrências do coronavírus, foi decretado o fechamento de bares, restaurantes e lanchonetes, pontos turísticos, sendo mantidas somente as atividades essenciais.

Infelizmente, a população irá ser infectada, porém se as demandas no sistema de saúde forem mais espalhadas ao longo do tempo, haverá mais e melhores condições de atendimento. O não cumprimento das medidas de quarentena pode aumentar rapidamente a transmissão, aumentando muito a necessidade de ajuda, e os pacientes podem não ter leitos e ventiladores, uma marca registrada de um sistema de saúde em colapso. Desde a forma de manter a higiene até a necessidade de isolamento, a divulgação ajuda a prevenir e assim reduz a vulnerabilidade. Grupos vulneráveis são aqueles que estão mais vulneráveis à infecção porque são desfavorecidos em termos de mobilidade social e não podem alcançar uma maior qualidade de vida devido à diminuição da cidadania. Isso porque a distribuição da saúde e da doença em uma sociedade não é aleatória, está relacionada ao status social, que por sua vez determina as condições de vida e de trabalho dos indivíduos e grupos. Os fatores socioeconômicos que constituem os determinantes sociais da saúde influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco nas populações.

Para além dos medos específicos da morte, a pandemia da COVID-19 teve impacto noutros domínios: o encerramento de organizações familiares, escolas, empresas e espaços públicos, alterações nas rotinas de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono. Além disso, aumentará a insegurança devido ao impacto econômico e social dessa enorme tragédia.

1.1 Coronavírus em Belo Horizonte

A pandemia do COVID-19 por apresentar a transmissão de pessoa para pessoa, as principais medidas de prevenção e controle exigiram mudanças radicais nos hábitos domésticos, comunitários e institucionais para acomodar o distanciamento social, uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual e limpeza frequente das instalações sanitárias. Os estados e municípios têm o papel fundamental na definição dessas medidas de enfrentamento da crise. Segundo Bezerra et al (2020) muitas medidas sanitárias foram tomadas pelas três esferas do governo (Federal, Estadual e Municipal) sendo o isolamento social a mais difundida delas.

A utilização de protocolos assistenciais e a separação de processos relacionados à COVID-19 tornou-se fundamental para reduzir e controlar a disseminação da doença, exigindo maior atenção à rotina de toda população. Nesse contexto, a comunicação constitui uma ferramenta essencial de informação e esclarecimento, possibilitando canais de fala e escuta, e construindo narrativas que fortalecem as relações de confiança entre os diversos setores institucionais por meio da transparência e da confiança.

O município de Belo Horizonte foi o quinto município de MG a confirmar a doença, com o primeiro caso confirmado em 16 de março e transmissão comunitária (fonte de contaminação não rastreável) confirmada pela primeira vez em 17 de março. Desde então, a Microrregião de Saúde BH-NL-Caeté tem liderado o estado e sua macrorregião na contagem de casos, em grande parte devido à trajetória da doença de BH.

No dia 17 de Março de 2020, a Secretaria Municipal de Saúde declarou SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA (Decreto nº 17.297) em Saúde Pública em Belo Horizonte em razão de surto de doença respiratória – Coronavírus e dispõe sobre as medidas para seu enfrentamento, previstas na Lei Federal nº13.979, de 6 de fevereiro de 2020. As primeiras medidas de distanciamento social foram tomadas nessa mesma semana, com o cancelamento de aulas na rede municipal de ensino e a suspensão de eventos públicos e privados que pudessem se reunir.

O governador do Estado de Minas Gerais decretou estado de calamidade pública (Decreto nº 47.891) em 20 de Março de 2020, onde as principais medidas adotadas, foi a suspensão de atividades não essenciais, paralisação do comércio, pausa de aulas presenciais; promulgação de leis para criação de créditos especiais para programas de saneamento; obrigatoriedade do uso de máscaras faciais em espaços públicos; e concessão de benefícios temporários para assistência alimentar às famílias de alunos de escolas públicas. Outras medidas preventivas, como fechamento de parques municipais e higienização de locais estratégicos da cidade. Seguindo o avanço da doença, no dia 16 de Abril de 2020, o prefeito de Belo Horizonte torna obrigatório o uso de máscara e limita o acesso nos estabelecimentos comerciais do município.

O isolamento social foi considerado pela OMS a estratégia mais eficiente no combate à pandemia do COVID-19 e trouxe uma série de reconfigurações da vida social. A população de Belo Horizonte está acostumada a viver em sociedade, e diante do

distanciamento social imposto pelo governo em razão da pandemia, houve algumas mudanças no comportamento físico e emocional da população. Além disso, Rydlewski (2020) destaca que 71% dos brasileiros perderam sua renda, pois muitas empresas encerraram suas atividades à medida que as transações fecham, não há necessidade de reter o mesmo número de funcionários. Segundo Nery (2020), no Brasil, 4 em cada 10 empresas encerraram suas atividades devido à pandemia do COVID-19. O impacto ocorreu em todos os setores da economia, sendo os negócios os mais afetados, com cerca de 40,9% de fechamento de empresas.

Como em todas as crises, cada município tende a mobilizar seus melhores ativos para lidar com o problema. Certamente, durante esse período de enfrentamento, suas fraquezas também são evidenciadas. Em Belo Horizonte até o dia 24/03/2022, foram 7.641 óbitos.



Fonte: <https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/coronavirus>. Acesso em: 24/03/2022

Durante a pandemia ligada ao SARS-CoV-2, aguarda-se como uma esperança capaz de travar a propagação da doença, a descoberta de um eficaz e seguro instrumento para prevenir infecções ao novo, e por isso as vacinas estiveram no centro das discussões. Com o intuito de reduzir a propagação desse vírus e acabar com a pandemia, cientistas de todo o mundo vêm trabalhando para desenvolver vacinas eficazes e seguras em tempo recorde para combater o patógeno. As vacinas visam produzir anticorpos contra algum organismo, sem que o paciente desenvolva uma patologia grave. Vários movimentos contra a vacinação têm gerado insegurança na população, colocando em questão a credibilidade dos benefícios que a vacina trará ao organismo. A disseminação de notícias falsas acompanhou a pandemia de COVID-19, e a ampla disseminação de notícias relacionadas à investigação de opções de prevenção ou de tratamento ocorreu por meio das mídias sociais da internet.

Até o momento desta escrita, existem vacinas de 1 geração para COVID-19, vírus inativado ou atenuado, como CoronaVac/SinoVac, Bharat e Sinopharm; 2ª geração, usando vetor viral com tecnologia como AstraZeneca/Oxford, Janssen/Johnson&Johnson e Sputnik V; e vacinas de 3ª geração, que são vacinas com DNA e RNA ácidos nucleicos, como a Moderna.

Somente quatro vacinas foram aprovadas atualmente pela Vigilância Sanitária Nacional para uso no Brasil: CoronaVac, AstraZeneca, Pfizer e Janssen. Essa aprovação é a garantia de que as vacinas sejam seguras e eficazes.

A população já está sendo vacinada com algumas vacinas aprovadas pela ANVISA. Cada vacina, sendo elas: Oxford/Astrazeneca, Janssen, CoronaVac e Pfizer, estão sendo aplicadas com meios de ação específicos, eficácias e diferenças.



Fonte: <https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/coronavirus>. Acesso em: 24/03/2022

Por meio de estudos e pesquisas, afirma-se que a vacinação contra COVID-19, independentemente da vacina utilizada, tem ajudado a reduzir o número de casos graves, internações e óbitos causados pela doença. Atualmente, as mortes por COVID-19 no Brasil são, na maioria dos casos, em pessoas não vacinadas. Todas as vacinas contra COVID-19 utilizadas, tiveram sua eficácia confirmada em ensaios clínicos com efeitos colaterais mínimos (BRASIL, 2021).

Pesquisadores nos informam que todas as vacinas contra COVID-19 aplicadas no Brasil fornecem um alto grau de adicional contra infecção sintomática e formas graves da doença em pessoas que já contraíram o Sars-CoV -2. Isso demonstra a importância da vacinação contra COVID-19 (CERQUEIRA-SILVA et al., 2021).

As quatro vacinas administradas no Brasil: CoronaVac, AstraZeneca, Pfizer e Janssen, mostraram confiabilidade, eficácia e pouco efeito. Com o avanço da vacinação, houve uma queda na média geral de óbitos devidos no país. O número de internações e óbitos diminuiu nestes meses, especialmente no grupo de idosos, os dados refletem os resultados do plano de vacinação que foi colocado em prática em fevereiro de 2021, enfatizando a importância da vacinação.

O impacto da pandemia nas populações mais vulneráveis exige o desenvolvimento de uma estratégia de expansão e remoção de espaços interdepartamentais de curto, médio e longo prazo. Competências sociais como escolas e suas recompensas devem ser comprometidas autoridades governamentais e sociedade civil fortalecem políticas públicas intersetoriais que possam efetivamente criar condições específicas de saúde para preservação da vida dos membros da escola. O retorno às aulas presenciais após todo o processo de adequação e vacinação da população, deve ser feito com responsabilidade, desde o planejamento, considerando diferentes variáveis locais, de forma que garanta a indissociabilidade dos indivíduos e dimensões, sem diminuir o papel relevante dos representantes do sistema escolar.

O retorno gradativo às aulas presenciais, causou no primeiro momento insegurança para todos os membros escolares. Os alunos entenderam como um aprendizado para sua própria adaptação após anos em isolamento, A escola obteve esse momento para acolher as pessoas, ouvir, respeitar todos que estão retornando para o ensino presencial. O principal é avaliar a realidade de cada indivíduo a fim de executar a melhor tomada de decisão seja por parte do gestor, do educador, do aluno e/ou das famílias.

CAPÍTULO 2: ENSINO DE DANÇA EM BELO HORIZONTE NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO APÓS O SURGIMENTO DA COVID-19

O mundo inteiro mudou com a pandemia do coronavírus e nunca mais será o mesmo. A educação também faz parte desse contexto, que mudou em resposta ao impacto do COVID-19. Para conter o avanço da pandemia do coronavírus, as aulas presenciais foram suspensas em março de 2020, sendo aprovada pelo Governo Federal a Medida Provisória 934 de 01 de abril de 2020 que apresenta disposições especiais para o ano letivo do ensino básico e em resposta às medidas tomadas em caráter das emergências de saúde pública. Dessa forma, as aulas da Educação Infantil ao Ensino Médio nas redes pública e privada podem ser oferecidas remotamente pela Internet. Além disso, o Distrito Federal e a Secretaria Estadual de Educação estipulam que cada aula tenha 50 minutos de duração, de forma teórica e prática. A teoria e a prática educacional, ministradas virtualmente aos alunos, devem estar alinhadas com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), incluindo currículos de educação especial. Todas essas decisões são tomadas para que os alunos não percam o ritmo de aprendizagem e continuem evoluindo.

O fechamento de escolas de ensino básico afetou mais de 52 milhões de alunos (UNESCO, 2020). Diante dessa situação, gestores educacionais, supervisores escolares e professores começaram a desenvolver estratégias para minimizar as consequências da suspensão do ensino presencial e promover a continuidade do ensino remoto.

Para Melo (2020, online) as “transformações são inúmeras e passam pela política, economia, modelos de negócios, relações sociais, cultura, psicologia social e a relação com a cidade e o espaço público”. Esta sempre foi uma preocupação para governos e instituições de ensino. Com uma expansão viral nacional, no início de 2020, os sistemas de ensino público e privado do Brasil foram forçados a realizar o ensino de forma remota, diferentemente ao que é conhecido como educação a distância, como promoção do distanciamento social e impedimento a propagação de patógenos. Inicialmente, era importante enfatizar a abordagem brasileira de ensino em meio a uma pandemia, embora inspirados pelo ensino a distância, é bastante diferente do mesmo.

Todos estão frente a um novo desafio que é oferecer ensino de forma remoto, desde o fornecimento de conteúdo e apoio a professores, até orientar as famílias a enfrentar os desafios da conectividade (UNESCO, 2020).

Diante dessa situação, é importante ressaltar que o ensino remoto durante a pandemia não é considerado ensino a distância, apesar de suas semelhanças com essa modalidade de ensino, principalmente no que diz respeito ao fato de que a tecnologia está impulsionando o ensino.

“Em contraste com as experiências que são planejadas desde o início e projetadas para serem online, o ensino remoto de emergência (ERE) é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. [...] (UNESCO, 2020).

O principal objetivo não é reconstruir o ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário ao ensino e a uma configuração rápida e um método confiável devido à emergência ou à crise. Quando entendemos o ERE dessa maneira, podemos começar a diferenciá-lo do "aprendizado online".

No ensino de dança na educação básica, algumas alterações quanto às formas de comunicação tiveram que acontecer. Os educadores estão vivendo uma experiência de ensino remota nunca idealizada. O ensino é composto por atividades síncronas, aulas ao vivo e assíncronas: aulas gravadas e disponibilização de material como vídeos, textos, podcasts a serem acessados pelos estudantes no momento que lhes for adequado. Com essas modificações no ensino, muitos alunos sofreram o impacto, por não apresentarem os recursos necessários para esse método de ensino. Nas etapas da educação básica, a grande maioria dos estudantes sem acesso está matriculada em instituições públicas de ensino.

Anteriormente a possibilidade de discutir a viabilidade e a efetividade de um ensino remoto vitalício é importante mapear a realidade dos alunos. Uma vez que a maior parte dos estudantes sem acesso ao ensino remoto, de acordo com os dados da nota técnica do IPEA com a pesquisa realizada em 2018, são os de menor renda, moradores das áreas rurais e

municípios do interior do país, pode-se ponderar que provavelmente este é o público mais afetado com o fechamento das escolas durante a pandemia.

Podemos perceber que esta realidade configura-se no conceito de Barreira Digital:

As mídias digitais permitiram inúmeras formas de relacionamentos humanos, mas é possível questionar até que ponto essa interferência não foi negativa; a expansão do número de usuários não tem precedentes, mas a “barreira digital” entre conectados e desconectados continua; a “exclusão digital” é um problema de origens e consequências econômicas, políticas e sociais, embora formas de integração das mais variadas procurem diminuir esse impacto. (MARTINO, 2014).

É importante trazer reflexões diferentes que atravessam as possibilidades de educação e tecnologia que tem sido vivenciada de maneira subida neste respectivo período pandêmico.

A partir daí, a questão seria se estamos presenciando um problema sem solução ou possibilidade, se isso é apenas uma suspensão ou uma transição para um novo estado de disciplina. A transição, o processo de constituição do novo, as relações terminológicas levaram-nos inevitavelmente a responder à necessidade de uma nova constituição, uma escola que seja capaz de contestar o modelo neoliberal e a necessidade de instâncias deliberativas que nos permitam construir novas institucionalidades a partir de baixo, frágeis, no serviço, móveis como as estruturas curriculares que estes processos formativos exigem (EQUIPO HIEDRA, 2020, s/p.).

É necessário atualizar o uso tecnológico, porém sempre houve resistência a elas e ao modo como seriam introduzidas e transformam a relação com a dança. É importante experimentar as manifestações tecnológicas e transformá-las de acordo com a realidade dos alunos.

É uma exigência pensar do ponto zero. Esse é mesmo um impacto real. [...] Seja como for, coletivamente teremos que cuidar disso. E não de uma forma, serão de várias formas; mas teremos que assumir o comando como ativistas culturais, assumidos ou não. Teremos que aprender e refletir sobre a cultura como, talvez, não tenhamos tentado até agora (OLIVARES *apud* EQUIPO HIEDRA, 2020, s/p.).

Depoimentos de docentes que atuaram durante o período pandêmico apontam dificuldades. A relação interpessoal é muito importante, porque a dança vem do desenvolvimento do ser humano em relação ao mundo, aos acontecimentos e aos próprios sentimentos e emoções.

Presencialmente alguns docentes iniciam suas aulas, com alongamentos, movimentações corporais, com o intuito de motivar seus alunos. Porém essa maneira de iniciar as aulas, foi inviável no modo online, por ser assuntos conteudistas determinados pelo governo.

Em Belo Horizonte, o ensino de dança nas turmas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio de forma remota, trás o contato entre o professor e os estudantes de forma superficial. O desafio grandioso com o avanço da tecnologia, surgiram novas possibilidades para o uso dos recursos tecnológicos na educação, visto que é um elemento que contribuiu para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, como atividades que proporcionam aprendizagens com interação social e valorização da autonomia dos alunos.

Antes mesmo da situação que nos encontramos hoje a tecnologia tem um papel cada vez mais importante em todos os aspectos da vida dos estudantes. Na educação, eles têm sido utilizados para melhorar o engajamento dos alunos e promover aprendizagens mais significativas para a sua realidade.

A utilização de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem e a discussão sobre seu uso, por estar relacionada entre si e à questão de se referirem a uma área fundamental na sociedade como um todo, a educação. O uso de recursos tecnológicos na sala de aula é uma nova oportunidade buscada por muitos colégios e universidades que estão à procura de desenvolver a aprendizagem do aluno, entretanto deve-se obter todo um estudo ao redor deste assunto, de modo que ele será impactante no modo de estudo do aluno e possa resultar em consequências quando mal utilizado.

Na rede pública de educação de Belo Horizonte, os estudantes tiveram como suporte pedagógico teleaulas gravadas e produzidas pela SEE-MG, o PET e o GSA. Como alternativa para o aprimoramento da interação com os alunos, foram utilizados os recursos do google meet. Sobre o material didático, a partir das análises realizadas foi possível observar que a obra prioriza o tratamento da arte como um todo, a partir de capítulos com temas amplos, o que possibilita a exploração de um caráter interdisciplinar entre as linguagens artísticas (artes visuais, música, teatro e dança).

Nesse sentido, a estratégia criada e instaurada pela SEE-MG na REANP busca alcançar a diversificação e abrangência no processo de acesso das diversas formas possíveis. Assim, detalham-se as ferramentas que compõem o Programa Remedial Learning (PET) da REANP, o programa Se Liga na Educação e o Aplicativo Conexão Escola, como alternativas de ensino em Belo Horizonte durante o ensino remoto devido à COVID-19.

O PET é uma ferramenta de ensino para os alunos, composta por atividades e problemas a serem resolvidos de forma não dependente aos docentes, contendo diversas informações sobre os diversos componentes do curso definidos na matriz do curso. Essas atividades e questionamentos estão alinhados com as habilidades e competências que os alunos desenvolvem de acordo com o Currículo de Referência de Minas Gerais para a Educação Infantil. A Educação Básica é organizada pela BNCC e pelo ensino médio, pelo Currículo Básico Comum (CBC) de Minas Gerais. De acordo com a Resolução 4.310/2020, o PET é disponibilizado preferencialmente de forma digital e por meio de tecnologia da informação e comunicação (TIC), e em casos excepcionais, os administradores escolares devem disponibilizar esses materiais impressos para entrega aos alunos.

Cada atividade é projetada para desenvolver habilidades de composição de cursos para o ano letivo com conteúdo e perguntas a serem respondidas. Nas escolas de ensino fundamental, a seleção de competências e conteúdos é feita por meio do Plano de Ensino desenvolvido pela SEE-MG, com competências ordenadas por período e número de semanas. No ensino médio, o CBC foi o único documento que orientou o PET na escolha dessas habilidades, mas não especificou quais habilidades seriam concluídas a cada semestre, mês ou semana; parecia ser uma decisão discricionária. No primeiro volume do PET 2020, apenas alguns componentes do curso são considerados: Matemática, Português, História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Ciências, Biologia, Química, Física ficando de fora Arte, Educação Física e Ensino Religioso. A partir do segundo volume artes, educação física e ensino religioso foram considerados.

Sobre o aplicativo Conexão Escola é um aplicativo mobile (smartphone) desenvolvido para o sistema operacional Android, que permite o acesso à Internet patrocinado pela SEE-MG, e os alunos têm a oportunidade de interagir com professores locais. Ao utilizar o aplicativo, o aluno teria acesso a todos os materiais do PET e cursos do Se Liga na Educação, além de salas de bate-papo para interação entre alunos e professores. Já o Se Liga na Educação se trata de uma programação já pré-estabelecida, sendo transmitida em canais estatais de televisão

aberta: a Rede Minas e a TV Assembleia. De segunda a sexta-feira foram apresentadas aulas do Ensino Fundamental Anos Iniciais (4º e 5º ano), Anos Finais (6º ao 9º ano) e Médio, organizadas por área de conhecimento, e, às sextas-feiras, aulas exclusivas de preparação para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Contudo, ao tratar do ensino remoto é importante ressaltar não só a intensa necessidade de atualização do sistema educacional, mas a impossibilidade de dezessete por cento dos estudantes brasileiros se conectarem, devido à altíssima desigualdade no acesso da população brasileira à internet. Destaca-se então que cerca de seis milhões de estudantes brasileiros, da pré-escola à graduação, não têm acesso à rede de internet, sendo 5,8 milhões destes estudantes de redes públicas. É o que diz a tabela retirada do artigo Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia publicado em agosto de 2020 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O uso de recursos tecnológicos na sala de aula é uma nova oportunidade para o desenvolvimento dos alunos, entretanto deve-se obter todo um estudo ao redor deste assunto, de modo que ele seja impactante no modo de estudo do aluno e possa resultar em consequências quando mal utilizado. Desta forma, os professores da capital de Minas Gerais tiveram que se reinventar.

Nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, é necessário a imersão nas aulas das questões do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, e os alunos da rede pública apresentaram dificuldade para entendimento do assunto, justamente pelo fato do ano ter sido com grandes defasagens de ensino, devido à Pandemia instalada. Segundo comentários dos professores entrevistados na etapa preliminar às entrevistas, os estudantes possuíam receios quanto ao seguimento de atividades, principalmente de desenho, e precisavam constantemente do professor para poderem prosseguir, usavam-se de questionamentos como: “- Assim tá bom?”. “Tô fazendo direito?”. “- Como se faz uma cabeça?”. “- Depois da cabeça tenho que desenhar o quê?”, o que prolongava as aulas de ensino remoto.

O ensino remoto traz grandes desafios para os professores e alunos de BH. O primeiro deles é conseguir associar que no mundo virtual, o tempo e espaço são muito diferentes do que se configura nas escolas, com as salas de aula e o sinal para demarcar os momentos de aprendizagem. Acredito que para o aprendizado ser melhor, o professor deve utilizar de várias estratégias distintas, combinando inclusive, momentos offline com atividades práticas. A diferença é que a educação a distância exige um profundo grau de concretização, que passa

pela familiaridade do professor com os recursos tecnológicos. Com isso, os professores se deparam com episódios em que os estudantes não abrem as suas câmeras ou não possuem câmeras disponíveis para uso, e nem os seus microfones se tornam recorrentes por diversos motivos (desinteresse, timidez, privacidade) e em função dessa mudança, o desafio: como manter o diálogo com os alunos no ensino remoto? Os alunos necessitam ainda de um tempo para entender que a autonomia do ensino é muito maior no ensino remoto. Pela observação, a apropriação dessa autonomia não vem de um dia para o outro. Leva tempo para se acostumar com a novidade e é preciso responsabilidade, além da definição conjunta de cronograma para estudos e atividades on-line e do acompanhamento de perto pelo professor.

A dança nas escolas – e, portanto, em sociedade –, necessita hoje, mais do que nunca, de professores competentes, críticos e conscientes de seu papel no que se refere a dialogar e oferecer a alunos e alunas das redes de ensino o que, de outra forma, não teriam oportunidade de conhecer. A dança nas escolas necessita de propostas intencionais, sistematizadas e amplas, para que essa linguagem possa efetivamente contribuir para a construção da cidadania. (MARQUES, 2012, p 06).

Sabemos que o ensino básico brasileiro muitas vezes está voltado para uma abordagem tradicional do ensino em que os estudantes têm cada vez mais conteúdos para aprender, e devido à nova realidade da pandemia, os professores de Belo Horizonte necessitam se adaptar urgentemente. Além disso, sabemos que com essa realidade teórica os alunos estão cada vez mais perdendo a vivência prática de relacionar o que aprendem com a vida deles, ou melhor, de se posicionarem de forma sensível com o que vem acontecendo no mundo e com o nosso meio tecnológico.

CAPÍTULO 3: MAPEAMENTO

3.1 Metodologia

É importante trazer reflexões diferentes que atravessam as possibilidades de educação e tecnologia que foram vivenciadas de maneira súbita durante a pandemia no ensino da dança.

Nesse contexto apresento como questão de pesquisa: *Quais foram as experiências vividas pelos professores de dança no ensino remoto no contexto da pandemia? De que forma podemos nos adaptar para que o docente possa se reinventar na maneira de organizar suas aulas, através de aulas remotas com o intuito de continuar o processo de ensino e aprendizagem sem quebrar as regras de distanciamento social devido ao COVID-19?*

A partir destes questionamentos consideramos a abordagem qualitativa que de acordo com Flick (2009a, p. 20), as pesquisas qualitativas podem ser justificadas em virtude de que “a mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas da vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentam novos contextos e perspectivas sociais”. Neste sentido, interpretando o contexto em que se insere e as variáveis que o influenciam, de uma maneira que pretendemos mapear as impressões e depoimentos de alguns professores da educação básica, licenciados em dança.

O estudo exploratório consiste na realização de um estudo para a familiarização com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa. Segundo Gonsalves (2003) este tipo de estudo remete para as contribuições de autores diferentes, onde o pesquisador tem relação com o conhecimento produzido através de sujeitos mediadores, ou seja, professores de dança atuantes no ensino remoto na rede básica de ensino.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados: entrevistas realizadas pela plataforma Microsoft Teams, tendo como questões norteadoras oito perguntas que necessariamente não foram respondidas numa ordem sequencial.

No total foram entrevistados quatro professores, 03 (três) do gênero feminino e 01 (um) do gênero masculino que atuam em escolas estaduais, ensino técnico ¹ e EJA (educação para jovens e adultos). O critério de escolha desses professores foi a partir de estarem atuando como professores de arte no contexto do ensino remoto em escolas da educação básica da região metropolitana de Belo Horizonte, serem licenciados em dança e terem disponibilidade para participar da pesquisa. Para garantir o anonimato dos professores entrevistados criamos codinomes para cada um deles.

¹ A professora do curso técnico de dança foi escolhida pois durante os dois anos de ensino remoto (2020/2022), a partir da resolução do Parecer N° 4/2020/PROGRAD-GAB, que amplia a possibilidade do cumprimento do estágio no formato do Ensino Remoto Emergencial (ERE) por meio de atividades desenvolvidas em escolas (campos de estágio) bem como em outros espaços formativos. Por essa razão, os alunos do curso de graduação em dança - licenciatura tiveram a oportunidade de realizar a Análise Prática de Estágio Supervisionado em Dança I neste espaço.

3.2 Análise dos dados

Quadro 1: Respostas da primeira questão da entrevista.

<p>Questão 1: Devido à pandemia, houve a necessidade de adaptação do ensino para o modo remoto. Como foi esse processo para os professores e para os alunos?</p>
<p>Professor 1: Foi complexo, pois teve um hiato, ficaram um tempo esperando, sem atividades. Depois de várias reuniões, foi definido o retorno virtual. O governo disponibilizou os Pet's, porém não consegui utilizá-los com os alunos. Criei um próprio "Pet", depois de 1 mês da pandemia. Não dei aula ainda online, a escola entregava o material físico do pet. Gravava vídeos e os colocava para os alunos assistirem. Depois de julho/agosto, conseguiram liberação da internet nas unidades para o início das aulas virtuais, continuei fazendo as matérias, e dando aula online, na parte da manhã.</p>
<p>Professor 2: Os estudantes tiveram dois anos de lacuna. Não se envolviam com os conteúdos, acessavam informações e não construíam conhecimento. Só com a convivência prática que obtenham. Sente muita diferença nos recursos dos alunos em sua turma.</p>
<p>Professor 3: Difícil pois a instituição em que atuava não era permitido ministrar aula prática on-line. Deste modo o ensino se concentrou em conteúdos teóricos e sugestões de experimentos práticos com base nas concepções expostas.</p>
<p>Professor 4: O processo foi desafiador, o uso da tela era muito restrito ou inexistente nas famílias das escolas em que eu atuava. Além disso, foi necessário repensar as maneiras de abordagem com os alunos, uma vez que seriam utilizadas propostas mediadas pela tela. Tudo isso foi um grande desafio, já que eu não trabalhava dessa forma antes do início da pandemia. Percebo que cada espaço se organizou de um jeito diferente, levando em consideração as demandas dos alunos e o diálogo com as famílias.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

Podemos observar nas respostas dos professores que o acesso à Internet foi a grande dificuldade encontrada pelos alunos e professores no ensino de dança. Esta constatação está de acordo com Remi Castioni (2021, pág. 399) que afirma:

Expõe que no ensino fundamental – anos iniciais e anos finais. Juntas, as duas etapas desse nível de escolarização somaram 27,2 milhões de matrículas em todo o Brasil em 2018. Das crianças que davam rosto a essas matrículas, entre 4,3 e 4,4 milhões não dispunham de acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G para atividades remotas de ensino-aprendizagem. Ao serem adicionadas as crianças sem acesso matriculadas na pré-escola e os jovens sem acesso matriculados no ensino médio, chega-se aproximadamente a 5,9 milhões (de um total de 39,5 milhões) de crianças e adolescentes na fase de escolarização obrigatória que frequentavam escolas em 2018 sem que dispusesse de acesso domiciliar à internet. As relações professor-aluno são fragmentadas, e somente materiais didáticos físicos não atenderam à necessidade de ensino-aprendizado dos alunos.

Talvez o maior desafio de todo o período tenha sido não obter um diálogo direto com os alunos, muitos dos quais não apresentavam aulas ao vivo ou participando das atividades. Mesmo assim, a maioria está envolva em um plano fechado que limita ainda mais a relação professor-aluno que no ensino de dança se atravessa pela sua corporeidade, que já é fragmentada apesar das ferramentas e recursos utilizados para mantê-la.

Quadro 2: Respostas da segunda questão da entrevista.

Questão 2: Em média, quanto tempo levou para se adaptarem?
Professor 1: Ainda estão se adaptando.
Professor 2: Em média um ano de adaptação. 2020 não funcionou, no final que era obrigatório a entrega que se comoveram para entregar. Os estudantes ficaram muito livres. As incertezas foram o que mais afligiu a dor de ver que os estudantes estavam aprendendo. Mudanças muito rápidas até julho remoto, agosto o híbrido e no final de outubro o retorno obrigatório. O híbrido foi o pior, com mudanças rápidas, pelos grupos do WhatsApp.
Professor 3: Não houve adaptação. Houve uma diretriz que nos orientou a criar Planos de Estudos Tutorados (PET) e tanto professores quanto estudantes tiveram que acatar. Enquanto docente não vi dificuldade em elaborar conteúdos teóricos tendo em vista a prática de dança, no entanto, o ensino pautado na vivência corporal não aconteceu e acarretou prejuízos na formação dos estudantes. Não se aprende dança, sem dançar. Pode-se aprender sobre dança e até sobre como são feitas as danças. Mas só se aprende a dançar dançando. E não tivemos aula prática nem mesmo mediada pela internet (o que não é o ideal, mas poderia ser feito). Tivemos um ano com dificuldade de presença, interesse e desejo de aprender dança. Alguns PETs foram muito bem feitos e valorizaram o modo como organizamos o ensino, mas a grande maioria vinha incompleto e sem nenhum indício de interesse nos temas.
Professor 4: Acredito que, para uma primeira adaptação, foram necessários de 3 a 4 meses (porque não sabíamos exatamente por quanto tempo duraria o isolamento social).

Fonte: Dados coletados pela autora.

Por causa dos desafios do ensino remoto, os professores de dança não familiarizados com métodos digitais, tiveram dificuldades para aceitar novos métodos de ensino, compreender as dificuldades e oportunidades envolvidas no processo do ensino remoto é relevante para a reflexão e para a realização de intervenções que busquem a melhoria. Mesmo com a tecnologia ao alcance, usar a mesma como único método possível de ensino devido às circunstâncias extraordinárias, mostra desafios e dificuldades de ensino e aprendizado, com os alunos de escolas públicas e a precariedade de acesso e conhecimento das ferramentas desenvolvidas.

Esta constatação dialoga com (MARQUES, 2012) dizendo que a dança nas escolas necessita de propostas intencionais, sistematizadas e amplas, para que essa linguagem possa efetivamente contribuir para a construção do ensino de dança.

Quadro 3: Respostas da terceira questão da entrevista.

<p>Questão 3: Quais metodologias, recursos e ferramentas foram utilizadas durante o ensino remoto e que mudanças houve com isso?</p>
<p>Professor 1: No presencial, os alunos já iam à escola por obrigação, porém conseguiam moldar os alunos. Presencialmente começava as aulas, com um alongamento para animar os alunos. Tentou adaptar, porém essa maneira de iniciar as aulas, foi inviável no modo online. Nas aulas online, foi mais conteudista, direto ao assunto. Os alunos às vezes ligam as câmeras, às vezes não.</p>
<p>Professor 2: Foi necessária uma adaptação do que já era feito, porém não houve envolvimento dos alunos. É muito difícil sair do tradicional.</p>
<p>Professor 3: Elaboração de Planos de Estudos Tutorados (PET). Encontros on-line para orientar sobre os Pets e para auxílio na sua resolução. Encontros on-line para discutir os temas e conteúdos dos Pets. O plano de ensino remoto só aconteceu porque não havia outra escolha. Não acarretou mudança significativa e nem construtiva nos processos de ensino aprendizagem em dança. Os estudantes que se propuseram a aceitar as condições desenvolveram suas habilidades de adaptação e aprofundaram conhecimentos sobre dança (o que em parte compõe o escopo de saberes de uma formação em dança).</p>
<p>Professor 4: Em uma das escolas em que eu atuava, os recursos utilizados foram se alterando ao longo do tempo. Começamos com lives no Instagram da escola e pequenos vídeos (+- 3 minutos) com abordagens individuais. Depois, começamos os encontros síncronos individuais que duravam uma média de 5 a 10 minutos. Por fim, iniciaram os encontros síncronos com cada turma que durava uma média de 15 a 20 minutos.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

Vários aspectos foram mencionados nas respostas dos professores relacionados com a metodologia, a partir da complexidade do contexto do ensino de dança remoto na pandemia.

Segundo a (UNESCO, 2020), todos estavam frente de um novo desafio que foi oferecer ensino de forma remoto, desde o fornecimento de conteúdo e apoio a professores, até orientar as famílias a enfrentar os desafios da conectividade. Por essa razão os professores de dança, atuaram com as diferentes possibilidades de uso da tecnologia para condução de suas aulas.

Quadro 4: Respostas da quarta questão da entrevista.

<p>Questão 4: Por se tratar de um novo contexto, houve a necessidade de se repensar o modo de ensinar. O que você tem a dizer sobre as metodologias e ferramentas utilizadas por você?</p>
<p>Professor 1: Nas aulas online, fui mais conteudista, direto ao assunto.</p>
<p>Professor 2: A grande maioria das aulas, foi através de aulas do governo. Não tive grande oportunidade de avançar nas ferramentas e metodologias.</p>
<p>Professor 3: Está descrito na resposta acima. Estou ciente que existem propostas de formação em dança totalmente virtuais, sem a presença física e sem o trabalho de treinamento e vivência estética em dança. Mas não me simpatizo com esta perspectiva.</p>
<p>Professor 4: Nas interações diretas como lives e encontros síncronos, o objetivo foi apresentar brincadeiras que fossem familiares para as crianças de forma a nutrir o vínculo afetivo entre os participantes. Dessa forma, busquei manter a estrutura da oficina (acolhida, proposta e finalização) a partir de repetições do que já fazíamos antes do início da pandemia. Junto das brincadeiras, sempre fazia um convite para que a criança saísse de frente da tela e ampliasse o olhar para o ambiente (como, por exemplo, pedir um objeto que pudesse colocar na cabeça ou contar quantos passos havia do quarto para a sala...)</p> <p>Já na outra escola, busquei contemplar o imaginário, o encantamento e o lúdico em cada vídeo aula que contou com um momento de contação de história sobre a cultura popular brasileira e outra parte com uma sugestão de brincadeira para se fazer em casa. A cada semana, foi intencionado procurar formas diversas de abordar a história, tais como luz e sombra, fantoches, objetos de casa, dobraduras, imagens de livro, história desenhada, dedoches, participações especiais, dentre outros. Além de buscar recursos e contextos que a criança poderia encontrar em casa, também utilizei estratégias de edição de imagem para tornar o conteúdo mais dinâmico e poético. Trabalhei com imagens duplicadas e animações de stop motion, sempre roteirizando as narrativas com cuidado e intencionalidade.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

A tecnologia está ligada ao processo de ensino e aprendizagem, mas as dificuldades e desafios enfrentados pelos envolvidos merecem destaque. Charnei (2019) aponta que a tecnologia pode ser utilizada nas atividades escolares, mas os professores devem estar abertos a novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

Apesar do material utilizado pelos professores priorizar o ensino conteudista, também identificamos nas respostas tentativas de quebrar essa lógica através da ludicidade e da utilização do ambiente da casa, como uma possibilidade de criação

Vale a pena destacar o apontamento de Moraes (1999) para a importância de formar professores que estejam abertos a uma mudança de postura quanto ao seu papel, fomentando a equiparação de oportunidades e de direitos a seus alunos, podendo promover o desenvolvimento não só cognitivo como social e afetivo.

Quadro 5: Respostas da quinta questão da entrevista.

Questão 5: Durante esse cenário, quais foram as dificuldades encontradas pelo aluno e pelo professor? Houve recurso ou solução para auxílio na resolução dos problemas?

Professor 1: A grande maioria dos alunos não conseguia acompanhar, por falta de recursos tecnológicos. A comunicação pelo celular e WhatsApp, pois alguns alunos não obtinham computadores. Também tinham aqueles que não participavam das aulas, pois estavam trabalhando no horário das aulas. De uma turma de 40 alunos, caiu para 5 alunos participantes online. No início não era obrigatório participar online, podia fazer os pet's e enviar. Existia a possibilidade de fazer atividades extras, várias oportunidades e mesmo assim não fizeram. O único jeito da pessoa não passar, era declarar que tinha que abandonar a escola. Em setembro começou o híbrido, uma semana online e uma presencial, e não era obrigatório. Em novembro virou obrigatório, dividiu as turmas, uma semana sim e outra não, marcação do chão para distanciamento. De 40 inscritos, somente 10 voltaram presenciais.

Professor 2: Acredita que foi um aprendizado frágil, que para aprender o outro está ali discutindo que amplia a noção do aluno. O contexto com o grupo mais vulnerabilidade socialmente, não conseguiram se adaptar, por falta de incentivo e motivação. Os alunos não sentiam prazer em estar ali. Lição é que a educação é o contato. Que o pensamento foi politizado, se faz sentido as tratativas tomadas durante o processo. Coragem.

Professor 3: Principalmente dificuldade de acesso e conexão com a internet, e de ambientes adequados para aprendizagem. Não tinha solução. Era aceitar o que desse pra fazer e seguir em frente.

Professor 4: De uma maneira geral, os desafios encontrados foram o delay e a instabilidade das conexões, a falta de materiais adequados para o trabalho com filmagem e edição de vídeo. As escolas não puderam contribuir financeiramente com a questão dos equipamentos, mas apenas com as demandas relativas à organização e realização dos encontros e vídeos gravados. As escolas perderam muitos alunos durante o isolamento social e o medo de não haver trabalho no mês seguinte era algo que trouxe muita instabilidade emocional para mim.

Fonte: Dados coletados pela autora.

O ensino remoto tem desafiado os professores a buscarem novas metodologias, pois a necessidade de inserção de ferramentas tecnológicas em suas práticas de ensino muda significativamente seu ensino. Porém, a maneira repentina em que o ensino remoto se estabeleceu foi um dificultador pois os professores de dança e seus alunos não estavam preparados para usar o digital em suas salas de aula de dança por diversos motivos distintos. O principal questionamento foi a dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos. Com essas modificações no ensino, muitos alunos sofreram o impacto, por não apresentarem os recursos necessários para esse método de ensino.

Quadro 6: Respostas da sexta questão da entrevista.

<p>Questão 6: Você, professor, formou-se há quanto tempo? Há quanto tempo leciona? Você possui alguma especialização ou realizou cursos em sua área de atuação? A rede de ensino para a qual você leciona oferece alguma formação continuada ou incentiva a mesma?</p>
<p>Professor 1: Formada em licenciatura em dança pela UFV, em janeiro de 2017. Trabalha por 5 anos e sempre na rede pública. Dá aula de Artes, Inglês e Português.</p>
<p>Professor 2: Graduado em 2019 Mestrando em Arte - EBA-UFG, Licenciatura em Dança - EBA-UFG, Graduação-Sanduíche em Ciências da Educação - Universidade de Coimbra (Portugal).</p>
<p>Professor 3: Na licenciatura em Dança em 2016. Sou profissional desde 2001. Leciono dança desde 1997. Fui bailarina de companhias de dança e fiz diversos cursos na área. Tenho mestrado em Artes da Cena e estou no doutorado em Arte. A rede oferece várias formações sim e incentiva também.</p>
<p>Professor 4: Sou graduada em Jornalismo pela PUC MG (2006). Estou caminhando para me formar em Dança Licenciatura esse semestre na UFG. Leciono há 16 anos em escolas e projetos sociais. Tenho o curso de extensão "Pedagogia do Movimento para o ensino da dança" (2010), Magistério (2014) e uma formação livre em danças populares brasileiras (+15 anos na área). Continuo em uma das escolas e ela incentiva sim a formação continuada por meio de encontros mensais com a equipe e facilitando quando preciso modificar a rotina em função de algum curso que desejo fazer.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

Todos os professores entrevistados tinham a formação ou estavam concluindo a graduação em dança - licenciatura. Nesse sentido, defendemos que o professor de dança qualificado, torna-se sujeito fundamental para esta companhia, por sua formação e sua inserção na escola pública deve toda a atenção exigida.

Conforme relato, nem todas as escolas incentivaram a formação continuada, dificultando ainda as ferramentas diversas que se apoiam na reflexão didática dos professores de dança. Aliás, o uso das novas tecnologias no ensino ainda é pouco abordado nos cursos de pedagogia e licenciaturas.

Quadro 7: Respostas da sétima questão da entrevista.

<p>Questão 7: Quais foram os benefícios advindos do seu processo de formação e de experiência que colaboraram para o seu trabalho no cenário de pandemia?</p>
<p>Professor 1: Durante a formação, trabalhou em uma escola precária, que precisava de muitas melhorias, e lá conseguiu lidar com as adaptações durante seu processo de aprendizagem. Conseguiu se ressignificar os seus conceitos de adaptação e utilizou isso para uma nova reorganização devido à pandemia.</p>
<p>Professor 2: Sempre teve que se adaptar aos novos desafios da vida, por isso já obtinha motivação de querer aprender com o novo.</p>
<p>Professor 3: Não sei se a relação é diretamente com minha formação e experiência na área ou se da minha forma pessoal de ver as coisas. Nesse sentido acredito que foi minha tendência pragmática que me auxiliou a atravessar esse caminho.</p>
<p>Professor 4: Acredito, principalmente, que minha graduação na área do Jornalismo contribui muito nesse momento. Trabalhei durante um tempo com fotografia e diagramação, o que está diretamente relacionado com edição de imagens.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

Com a adoção do ensino remoto, algumas alterações quanto às formas de comunicação tiveram que acontecer. Os conteúdos desenvolvidos durante a formação dos professores contribuíram para o enfrentamento dos desafios do ensino remoto. A comunicação ou a falta dela foi o principal fator abordado por todos os professores entrevistados.

Outro aspecto importante, Segundo Mercado (1999, p. 90), “[...] as novas tecnologias e seu impacto na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se utilizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e às suas necessidades”.

Quadro 8: Respostas da oitava questão da entrevista.

<p>Questão 8: Enquanto professor, qual (is) aprendizado (s) você poderia tirar desse período de ensino remoto e híbrido e levar para sala de aula presencial?</p>
<p>Professor 1: Vai levar de aprendizado, é não aceitar a situação que o estado proporcionou para os alunos e professores. A aula online foi bastante complicada, e ter que criar o material didático e dar aula online ao mesmo tempo, sobrecarrega os professores. A saúde mental dos professores está ruim. Quando voltou do híbrido os alunos ainda não estavam vacinados. De positivo foi a possibilidade online de para as atividades.</p>
<p>Professor 2: Coragem!</p>
<p>Professor 3: Paciência, aceitação, foco em um futuro melhor e viver um dia de cada vez.</p>
<p>Professor 4: Fica o registro da potência do espaço escolar que insiste, resiste e cria possibilidades em prol dos direitos fundamentais da infância e da vida.</p>

Fonte: Dados coletados pela autora.

Nas respostas não identificamos claramente sinalização de aprendizados que pudessem ser aproveitados no ensino presencial. Foi sinalizado termos como paciência, aceitação e foco para enfrentar o desafio do remoto.

Também foi sinalizado a sobrecarrega dos professores no contexto do ensino remoto para os a criação dos docentes do material didático e ao mesmo tempo ministrarem aulas online. Mas, apesar da escola apresentar todas as suas dificuldades, o espaço escolar tentou dar resposta com o ensino remoto garantindo o direito da aprendizagem dos alunos nesse contexto.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem Talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia-nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (GOLDENBERG, Mirian. 2011).

Depois de um longo processo de adaptação e as dificuldades emergentes dos alunos presentes na rede de ensino pública no Brasil, conseguimos perceber através dos depoimentos que o professor teve de se adaptar e encontrar as melhores condições para os seus alunos, com o uso do ensino remoto no ensino de dança.

A partir do depoimento dos professores que participaram dessa pesquisa foi possível identificar que o ensino remoto traz grandes desafios para os professores e alunos. O primeiro deles é conseguir associar que no mundo virtual, o tempo e espaço são muito diferentes do que se configura nas escolas, com as salas de aula físicas e um tempo determinado para demarcar os momentos de aprendizagem em dança. Podemos constatar que para o aprendizado ser melhor, o professor deve utilizar de várias estratégias distintas, combinando inclusive, momentos off-line com atividades práticas. A diferença é que a educação remota exige um profundo grau de concentração que passa pela familiaridade do professor com os recursos tecnológicos.

É importante destacar que as entrevistas foram realizadas no contexto da pandemia e por essa razão os professores entrevistados estavam ainda imersos nos desafios do ensino remoto e por isso algumas questões não foram respondidas de forma objetiva por estes professores, provavelmente com o distanciamento desta experiência, os docentes conseguirão responder de forma mais reflexiva sobre sua atuação no período pandêmico.

Exposições virtuais, transmissões de aula ao vivo por redes sociais e ensaios fotográficos digitais dos movimentos corporais dos alunos foram algumas das apostas de professores da

área para manter e talvez até aprimorar a qualidade do ensino de arte em tempos de restrição social.

A segunda constatação, é que os alunos necessitam ainda de um tempo para entender sua autonomia do ensino dentro desse novo processo. Pela observação, a apropriação dessa autonomia não vem de um dia para o outro. Leva tempo para se acostumar com a novidade e é preciso responsabilidade, além da definição conjunta de cronograma para estudos e atividades online e do acompanhamento realizado pelo professor. Além disso, é importante que o professor de arte saiba desenvolver, um caminho que valorize a subjetividade e intersubjetividade de cada corpo.

Assim, o professor deve mostrar para os alunos que a dança/artes está conectada com a tecnologia levando uma forma de ensinar mais dinâmica e prática o que não se enquadra na realidade da maioria das escolas públicas brasileiras, ou seja, uma tentativa de levar aos alunos um projeto que corrobora com a vida deles de uma forma criativa, sensitiva, tecnológica e humana mostrando que a nova realidade virtual envolve todos internamente e externamente a escola. Podemos refletir que a abordagem do conhecimento da dança na escola no contexto da pandemia não deveria primar pela adequação do aluno a modelos estéticos pré configurados de dançar ou divulgar a dança, mas pela diversidade estética de modos de conceber e significar a dança em várias situações sociais.

A educação em dança não pode perder o “corpo”. O movimento deve ressignificar o corpo e corporificar a arte diante desta realidade, se torna movimento de resistência e valorização necessária para se ensinar arte. E para, se ensinar dança remotamente, precisamos tecer uma costura entre as possibilidades que ferramentas e tecnologias nos oferecem com um firme exercício de tecer corpo, de tecer voz, de se presentificar e ocupar esse espaço remoto com corpo humano, pele, tato, paladar, escuta, voz e presença, para além da exacerbada e (super) estimulada visão.

Enquanto professores, precisamos convidar nossos estudantes e apresentar suas cores, seus movimentos, seus ciclos e exercer convite para um exercício circular de aprendizagem, apresentar a roda para que possam se sentar, aprender e ensinar. Assim, o professor de dança terá maior possibilidade de conseguir mostrar para os alunos que o ensino está conectado com a individualidade, levando uma forma de ensinar mais dinâmica e prática o que não se

enquadra na realidade da maioria das escolas públicas brasileiras, ou seja, uma tentativa de levar aos alunos um projeto que corrobora com a vida deles de uma forma criativa, sensível, tecnológica e humana mostrando que a nova realidade para o ensino de arte também é possível.

Ao final da pesquisa, tenho consciência que é um estudo inicial. Além da minha própria experiência, consegui me aproximar da prática de outros professores no ensino de dança na realidade do ensino básico remoto no contexto da pandemia.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRA, Karla. **Câmara dos deputados: Educação e Cultura. Educação aprova dança e teatro como disciplinas obrigatórias do ensino básico.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/456284-EDUCACAO-PROVA-DANCA-E-TEATRO-COMO-DISCIPLINAS-OBRIGATORIAS-DO-ENSINO-BASICO.html>. Acesso em: 03/06/2022.

ANDRADE, Mônica Viegas et al. **Os primeiros 80 dias da pandemia da COVID-19 em Belo Horizonte: da contenção à flexibilização.** Nova Economia, v. 30, p. 701-737, 2020.

AQUINO, Dulce. **Dança e universidade: Desafio à vista.** In **Lições de Dança 3**, Rio de Janeiro: Editora da UniverCidade, s/d. p. 228, 2010.

ELÉSPURU. B, Ernesto. **Un teatro para la pandemia: alternativas para la creación escénica en tiempos del nuevo coronavirus en el Perú, a propósito del proyecto virtual «Sin filtro» del Teatro Británico.** Desde el Sur, v. 12, n. 1, p. 263-284, 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasília, DF: Presidência da República, [1996].** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 16 fev. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2021. Acesso em: 03 mai. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum. Ensino Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: Conselho Nacional da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacional.comum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; KOFF, Adélia Maria Nehme Simão. **A didática hoje: reinventando caminhos.** Educação & Realidade, v. 40, p. 329-348, 2015.

CASTIONI, Remi et al. **Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial.** Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação, v. 29, p. 399-419, 2021.

CERQUEIRA-SILVA et. al. **Influence of age on the effectiveness and duration of protection in Vaxzevria and CoronaVac vaccines.** medRxiv, 27 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2021.08.21.21261501v2.full.pdf+html>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

CHARNEI, Margaret (2020). **“Dificuldade de aprendizagem do cálculo de área de figuras planas retangulares: uma possibilidade através do GeoGebra”**, In: VIII Congresso Brasileiro

de Informática na Educação (CBIE 2019), Brasília, 2020. Disponível em: <https://br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/9008/6554>. Acesso em: mai. 2021.

EQUIPO HIEDRA. **Desafíos en educación para las artes escénicas en pandemia**. Revista Hiedra. 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://revistahiedra.cl/hiedrafm/hiedrafm-desafios-en-educacion-pa-ra-las-artes-escenic>. Acesso em: mai. 2022.

FREIRE, Paulo. Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 1996.

FLICK, Uwe . **Métodos Qualitativos na Investigação Científica**. Lisboa, Monitor, 2005. pp. 1-13

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

KAKODKAR P., et al. **A Comprehensive Literature Review on the Clinical Presentation, and Management of the Pandemic Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)**. Cureus, 2020; 12(4): e7560.

MARTINO, Luis M. **Teoria das Mídias Sociais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ :Vozes, 2014.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO E. A., Mendonça MHM, Oliveira JR, Andrade GCL. **Mudanças na Política Nacional de Atenção Básica: entre retrocessos e desafios**. Saúde Debate. 2020.

MORAES, Amaury Cesar. **Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato**. Tempo social, v. 15, p. 5-20, 1999.

MORAES, R. F. **COVID-19 e medidas legais de distanciamento social: isolamento social, descentralização e análise do período de 11 a 24 de maio de 2020**. (Boletim 4). Ipea, 2020(a).

MORAES, R. F. **Covid-19 e medidas legais de distanciamento social: isolamento social, gravidade da epidemia e análise do período de 25 de maio a 7 de junho de 2020**. (Boletim 5). Ipea, 2020(b).

MORANDI, Carla. **A dança no Ensino da Arte**. 2006.

NERY, C. (2020). **Melhora percepção das empresas sobre impactos da Covid na 2ª quinzenadeagosto**. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/29016-melhora-percepcao-das-empresas-sobre-impactos-da-covid-na-2-quinzena-de-agosto>. Acesso em: 03 de Maio de 2022.

RYDLEWSKI, Grzegorz. **Political context of the fight against the COVID-19 pandemic in Poland.** 2021.

SILVEIRA, Marcelo Augusto Duarte et al. **Efficacy of Brazilian green propolis (EPP-AF®) as an adjunct treatment for hospitalized COVID-19 patients:** A randomized, controlled clinical trial. *Biomedicine & Pharmacotherapy*, v. 138, p. 111526, 2021.

STRAZZACAPA, Marcia; MORANDI, Carla (org.). **Entre a arte e a docência:** A formação do artista da dança. 4. ed. Campinas: Papirus, 2006, p.64-97. ISBN 978-85-308-0804-4

UNESCO, Cepal. **La educación en tiempos de la pandemia de COVID-19.** *Revista Latinoamericana de Educación Comparada: RELEC*, v. 11, n. 18, p. 250-270, 2020.

ANEXOS

ANEXO 1 - TABELA 1 População sem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em seu domicílio – Brasil (2018)

Nível ou etapa de escolarização	População sem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em casa	População sem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em casa		Fontes dos dados
		Total (aprox.) de pessoas	Em instituições públicas de ensino	
Pré-escola	14% a 15%	Até 800 mil	Cerca de 720 mil	PNAD Contínua e CEB
Ensino fundamental – anos iniciais	Cerca de 16%	2,40 milhões	2,32 milhões	PNAD Contínua e CEB
Ensino fundamental – anos finais	Cerca de 16%	1,95 milhão	1,91 milhão	PNAD Contínua e CEB
Ensino médio	Cerca de 10%	Até 780 mil	Cerca de 740 mil	PNAD Contínua e CEB
Graduação	Cerca de 2%	150 a 190 mil	51 a 72 mil	PNAD Contínua e CES
Pós-graduação – <i>stricto sensu</i>	Menos de 1%	Menos de 2 mil	Cerca de mil	PNAD Contínua e GeoCapes
Da pré-escola à pós-graduação	12%	6 milhões	5,80 milhões	Todas as quatro
População em geral	Cerca de 17%	34,5 a 35,7 milhões		PNAD Contínua

ANEXO 2 - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Convido você a participar da pesquisa do “Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)” da graduação em Dança Licenciatura na UFMG intitulado “ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE PÚBLICA DE BELO HORIZONTE EM TEMPOS DE PANDEMIA” que tem como objetivo fomentar reflexões acerca da docência em dança na cidade de Belo Horizonte de acordo com as emergentes mudanças no ensino devido à ocorrência da pandemia da COVID-19.

Sua participação, totalmente voluntária, consiste em responder às questões de um questionário (previamente elaborado) durante uma entrevista que será registrada pelo Microsoft Teams. Os resultados obtidos serão analisados e utilizados no texto da monografia, como, também, apresentados em congressos, artigos, periódicos e trabalhos acadêmicos.

Não haverá nenhum prejuízo ou constrangimento para você ao participar do experimento. Você não está sendo testado nem avaliado. A identidade dos participantes da pesquisa não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Você está recebendo uma cópia deste termo, em que constam o telefone e o endereço da pesquisadora, para que possa entrar em contato posteriormente se tiver interesse. Você pode retirar sua participação da pesquisa a qualquer momento, se assim desejar, sem nenhum prejuízo para você.

Muito obrigada pela sua participação!

Por meio deste instrumento de autorização por mim assinado, dou pleno consentimento à pesquisadora abaixo relacionada de realizar entrevista e/ou questionário para coleta de dados necessária para execução da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE PÚBLICA DE BELO HORIZONTE EM TEMPOS DE PANDEMIA” desenvolvida na graduação de Dança Licenciatura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nome da participante: _____
Idade: _____ Sexo: _____ RG: _____ Escolaridade: _____
E-mail: _____
Assinatura: _____

Belo Horizonte, 08 de Abril de 2022.

Pesquisadora: Karen Machado Trindade
Escola de Belas Artes
Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: trindadekaren99@gmail.com
Telefone: (31) 993772277

Orientadora: Ana Cristina Carvalho Pereira
Escola de Belas Artes
Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: anacristina.cpereira@gmail.com
Telefone: (31) 3409-7464